

▪ Editorial

Felipe Aparecido de Oliveira Camargo

Neste primeiro número do ano de 2022, a Revista *História e Cultura*, editada pelos discentes do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, reuniu, sob o dossiê intitulado “*História, arquivos e mulheres: perspectivas interdisciplinares*”, organizado pela Profa. Dra. Marina Mazze Cerchiaro (Pós-doutoranda pelo Museu de Arte Contemporânea da USP) e Profa. Ma. Carolina Alves (Doutoranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), diversos artigos dedicados a pensar as relações entre arquivos e mulheres.

O primeiro artigo da seção, intitulado *Agripina Menor em Suetônio: o olhar masculino sobre o protagonismo feminino*, de Isabela Pissinatti, busca refletir, sob uma perspectiva que problematiza as relações da dominação masculina sobre a feminina, a atuação das mulheres no período da dinastia Júlio-Claudiana. Para tanto, a autora elege como fonte principal de seu trabalho episódios da obra de Suetônio, com o propósito de instigar discussões sobre o papel feminino em toda uma dimensão histórica de dominação e deslegitimação.

Na sequência, Norma Sueli Semião Freitas e Jailson Pereira da Silva, no artigo *A hierarquia do acervo: anotações sobre a presença de Luíza Távora no acervo do Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC)*, direcionam um olhar sobre o lugar desempenhado pela figura de Luíza Távora no Arquivo Público do Estado do Ceará. Nesse texto, os autores buscam pensar e problematizar a questão de gênero implicada na ausência de arquivo para Luíza, primeira-dama do Ceará entre 1963-1966 e 1979-1982, relegada a segundo plano quando se percebe o destaque dado a seu esposo em tais arquivos.

Por seu turno, Patrícia Ladeira Penna Macêdo e Alexandre Rodrigues de Souza objetivam, por meio do artigo *A presença delas: o “paradigma indiciário” das mulheres nos arquivos sobre revoltas coloniais*, mostrar as potencialidades dos arquivos para se pensar a atuação política e social das mulheres em determinados períodos históricos. Os autores assumem como estudo de caso as trajetórias de Benta Pereira e Maria da Cruz, duas figuras importantes no contexto das revoltas na América Portuguesa do século

XVIII. Ao evidenciar os desafios de se aventurar nos arquivos em buscas dos papéis femininos na história, o estudo nos revela que é preciso treinar uma leitura pormenorizada dos documentos a fim de se compreender as dimensões da presença feminina nos arquivos.

Em seguida, se ancorando nos arquivos sobre a memória proletária e da polícia política nos anos de 1930 e 1940, Alzira Lobo de Arruda Campos, Luiz Antonio Dias e Rafael Lopes de Sousa, destacam as participações femininas nas construções revolucionárias brasileiras. O artigo intitulado *Gênero, identidade e revolução nos tempos de Vargas* traz luz para as dimensões públicas e privadas nas participações das mulheres nesses projetos. Além disso, o texto ressalta a capacidade de ampliação do conhecimento histórico sobre os projetos revolucionários quando se observa a presença feminina – e todas as suas particularidades daí decorrentes – nesses espaços.

Já o artigo de Ayra Guedes Garrido, intitulado *Os arquivos femininos no CPDOC através da experiência do “Escola no Acervo”*, reflete sobre a iniciativa “Escola no Acervo” do Projeto Difusão e Educação Patrimonial da FGV CPDOC, especificamente com relação aos arquivos femininos do acervo referentes à Era Vargas. Com destaque para os arquivos pessoais de Almerinda Farias Gama, Alzira Vargas e Anna Amélia de Queiroz, a autora nos mostra como tal iniciativa possibilita uma aproximação do público escolar – por meio de visitas temáticas virtuais – com a história das mulheres, sobretudo quando escritas por elas mesmas.

Em *Arquivos e feminismo: o acervo de Maria Lacerda de Moura*, Fernanda da Costa Monteiro Araujo e Bárbara Moreira Silva de Barros articulam as discussões sobre memória e arquivos. Elegendo o acervo de Maria Lacerda de Moura como fonte, as autoras abrem o debate sobre a despreocupação com a produção de documentos e acervos entre os movimentos sociais, mesmo se tratando de dispositivos com ricas potencialidades para o saber histórico e a preservação da memória.

A prostituição feminina nos periódicos cariocas é o assunto do artigo *Abrindo as frestas: ilustrações sobre prostituição no periodismo do Rio de Janeiro (1910-1935)*, de autoria de Wellington do Rosário de Oliveira. O autor identifica, por meio de tal documentação, a moralidade e os estigmas criados acerca das mulheres nas imagens das publicações analisadas. Mais ainda, os propósitos do estudo sublinham a necessidade do olhar historiador para as imagens em impressos, considerando a complexidade e multiplicidade de questões que podem ser suscitadas pelos documentos.

O estudo em periódicos é também o objetivo de *Ser mãe é uma concepção divina? Representações de deveres maternalistas com a educação física nas revistas “Jornal das Moças” e “O cruzeiro” (décadas de 1930 a 1950)*, de Carolina Fernandes da Silva, Bruna Letícia de Borba e Liziane Nathália Vicenzi. Nesse artigo, as autoras analisam e nos revelam as formas como as revistas inseriam a maternidade como um dever social a ser exercido pelas mulheres em uma espécie de missão divina. Desse modo, instigam uma série de discussões sobre as construções sociais e interesses políticos por trás dessas atribuições dadas à maternidade.

Logo após, *Narrativas médicas sobre feminilidade nas publicações da Liga Brasileira de Higiene Mental (1925-1947)* investiga as questões de gênero nas narrativas da medicina mental. De autoria de Cláudia Polubriaginof, Lucciano Franco de Lira Siqueira e Paulo Fernando de Souza Campos, o artigo se debruça sobre os discursos sobre a feminilidade na LBHM, expondo como a ciência médica serviu de ferramenta para a consolidação de um ideal feminino respaldado em uma dinâmica histórica que afeta a vida e a saúde das mulheres.

O pensamento foucaultiano é a linha de análise do artigo *Valoração diferencial da vida: a invisibilidade daquelas que não se enquadram nos padrões*, da autora Isabel Saraiva Silva. Com intenção de pensar o caso das empregadas domésticas em Manaus entre 1932 e 1962, o texto explora os documentos do Arquivo do Judiciário Amazonense e reflete sobre as formas como as mulheres trabalhadoras domésticas foram destituídas de alguns direitos sociais. Nesse sentido, a autora nos indica e problematiza sobre como essas trabalhadoras eram estigmatizadas por uma moralidade oficial que nada tinha a ver com suas realidades sociais.

Em *Arquivos de imprensa: possibilidades e desafios para o estudo de jornais da segunda metade do século XIX, seus novos públicos, interesses e a figura da mulher leitora e escritora*, Isadora Costa e Laura Reis avaliam as possibilidades de tratar dos jornais da segunda metade dos oitocentos não somente como fonte, mas também como objeto de pesquisa. Dessa forma, as autoras identificam uma certa segmentação temática nesses periódicos e, dentre esses segmentos, uma maior presença feminina nos impressos. Não somente com assuntos voltados ao universo feminino, mas também a presença de mulheres escritoras assinando textos publicados nos jornais, o que já nos instiga a um olhar direcionado para todas as relações que daí decorrem.

A pintora paulista Nicota Bayuex (1870-1923) é o objeto de reflexão do artigo *Arquivos, fontes e as lacunas na história das mulheres: o caso da pintora Nicota Bayuex*,

de Mariana Sacon Frederico. Ao mobilizar o acervo pessoal da artista, a autora examina os registros que, na sua intimidade e com todos os seus desafios, auxiliam na reconstituição da trajetória e preservação da memória de uma pintora que não esteve presente no cânone artístico brasileiro.

Mencionamos ainda o artigo *Sobre arquivos e legados: uma experiência a partir do Arquivo Waldisa Russio*, das autoras Viviane Panelli Sarraf e Karoliny Aparecida de Lima Borges. O estudo examina o projeto da FAPESP “O legado teórico da Waldisa Russio para a museologia Internacional”, e versa, por meio desse estudo de caso, nas questões relacionadas a necessidade de preservação da memória e do legado de professoras, pesquisadoras e intelectuais do Brasil.

Dando continuidade, *Arquivos e coleções de mulheres no CEDOC/Funarte: um diagnóstico*, de Caroline Cantanhede Lopes, nos apresenta um mapeamento quantitativo e qualitativo sobre a presença de mulheres no acervo do Centro de Documentação e Pesquisa da Fundação Nacional de Artes (CEDOC/Funarte). A autora evidencia a quantidade considerável de titulares mulheres na documentação, ainda que menor em comparação a titularidades masculinas, e, a partir disso, analisa as dimensões e problemáticas observadas no cotejo dos acervos.

Por fim, em *História oral & História das Mulheres: entre silenciamentos e memórias*, Nikolas Corrent reflete sobre as histórias femininas no que tange ao aspecto de suas memórias e relatos na história oral. Ancorado em um conjunto de proposições dos estudos de gênero, o autor traça uma trajetória da historiografia das mulheres, destacando os silenciamentos, limitações e novos horizontes abertos para este campo de estudos a partir da década de 1980.

Na seção de Artigos Livres, ao longo de 9 artigos encontramos ampla diversidade de abordagens, recortes espaciais, temporalidades e temáticas. Isso porque reúne trabalhos sobre: o Museu Capixaba do Negro “Maria Verônica da Pas”, quilombismo e o protagonismo das mulheres negras; ferrovias e doenças endêmicas no Oeste Paulista em fins do século XIX e início do XX; a criação da imagem escultórica de Antonio José de Sucre no Equador; o estudo de três marcas de remédios em Manaus da *belle époque* e suas relações com um sistema simbólico e cultural; a sátira *Os Césares* do imperador Juliano; o debate crítico-literário acerca do romance *Sonhos d’ouro* (1872), de Sênio, pseudônimo de José de Alencar; a presença e o debate entre sociólogos durkheimianos na *Revue de synthèse historique* (1900-1914); o espaço cemiterial evangélico-luterano e suas relações com uma memória pedagógica no município de Canguçu-RS; e também a

convenção gótica e o conceito de desterritorialização. Finalmente, contamos ainda com duas resenhas publicadas: uma sobre o livro “A construção da ameaça argentina: a oposição a Perón na imprensa brasileira (1945-1955)” (2021) e outra sobre “Independência do Brasil” (2022). Encontramos por trás de todos esses trabalhos pesquisadores além da História, assim, também estabelecemos um diálogo próximo com outras áreas das Humanidades.

Por meio dessa pluralidade de temas e abordagens, buscamos instigar novas discussões e promover debates em curso entre os estudiosos da História e das outras áreas das Ciências Sociais, bem como atingir os mais variados leitores.

Nós, do Corpo Editorial da Revista *História e Cultura*,

desejamos a todos uma ótima leitura!